

RESENHA

Israel e Judá no período bíblico. Memórias de um povo em peregrinação de fé: Religião, sociedade e política com incursões na arqueologia bíblica

Mauro Luiz Nascimento JUNIOR. Membro efetivo da Academia de Letras de São João del-Rei (MG). Doutorando em História da Filosofia Medieval pela Universidade de São Paulo. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).*

A obra

SCARDELAI, Donizete. **Israel e Judá no período bíblico**. Memórias de um povo em peregrinação de fé: Religião, sociedade e política com incursões na arqueologia bíblica. Coleção Judaísmo e Cristianismo. São Paulo: Fons Sapientiae; CCDEJ, 2025.

Situando a obra no debate acadêmico

No hodierno panorama dos estudos bíblicos, poucas tarefas se revelam tão complexas e repletas de nuances quanto a reconstituição da história do antigo Israel. É neste campo de intenso debate acadêmico que se insere a monumental obra de Donizete Scardelai, *Israel e Judá no período bíblico: memórias de um povo em peregrinação de fé, religião, sociedade e política com incursões na arqueologia bíblica*. Este tomo, o vigésimo terceiro da coleção "*Judaísmo e Cristianismo*", transcende a formatação de um manual introdutório para se constituir como um estudo de fôlego, uma "história 'teologizada'" que se propõe a desconstruir as narrativas monolíticas e frequentemente anacrônicas que dominaram a disciplina por gerações.

A obra, fruto de quase três décadas de docência e pesquisa, parte de uma premissa fundamental articulada pelo prefaciador, Moisés Orfali: uma análise histórica que não abarque a dimensão da fé do povo de Israel é, em si mesma, inviável e desprovida de significado. Scardelai, portanto, não se furta à complexidade de sua fonte primária - a Bíblia -, tratando-a não como um registro historiográfico nos moldes modernos, mas como um complexo literário polifônico, estratificado e imbuído dos propósitos teológicos de seus autores. O objetivo central é investigar a intrincada relação entre os reinos de Israel (Norte) e Judá (Sul), demonstrando como, de uma rivalidade política e militar inicial, emergiu uma simbiose cultural e religiosa indispensável para a formação ulterior do judaísmo. Esta resenha se debruçará sobre o arcabouço

* E-mail:mauronascimento@usp.br

metodológico, as teses fulcrais e a estrutura argumentativa que conferem a esta obra seu caráter seminal.

O arcabouço metodológico: uma ponte epistemológica

A robustez do estudo de Scardelai reside, em grande medida, em sua criteriosa e equilibrada arquitetura metodológica. Consciente do abismo que separa o leitor contemporâneo do universo cultural dos escritores bíblicos, o autor erige sua análise sobre um tripé epistemológico que articula:

1. A exegese crítica do texto bíblico;
2. Os dados materiais fornecidos pela arqueologia;
3. Os testemunhos documentais de outras civilizações do Antigo Oriente Próximo.

Diferentemente da euforia arqueológica que marcou a primeira metade do século XX - atitude que o autor descreve metaforicamente como a tentativa de escavar "munidos da pá numa mão e a Bíblia na outra"-, Scardelai adota uma postura de diálogo crítico. Ele se filia a uma "visão de centro", que preconiza uma "atitude crítica tanto dos textos quanto da arqueologia", distanciando-se assim das posições antagônicas e muitas vezes dogmáticas das escolas "maximalistas" e "minimalistas". A arqueologia, em sua perspectiva, não funciona como um tribunal que valida ou invalida a veracidade factual dos relatos, mas como uma ferramenta que ilumina o contexto, oferece paralelos e, por vezes, desafia as construções literárias, como no caso da datação tardia da domesticação do camelo para fins comerciais, que torna anacrônicas certas passagens patriarcais.

A obra reconhece explicitamente a escassez de evidências extrabíblicas para períodos seminais como o dos patriarcas ou do Êxodo. O mais antigo documento a mencionar "Israel", a Estela de Merneptah (c. 1208 a.C.), é devidamente contextualizado como uma menção sucinta e externa, que atesta a presença de um grupo com este nome em Canaã, mas pouco elucidada sobre sua natureza ou extensão.

Paralelamente, Scardelai combate com veemência a hermenêutica fundamentalista, que, ao ignorar os gêneros literários e os contextos históricos, contribui para a violência e a desinformação. Ele se ampara em documentos magisteriais, como a declaração da Pontifícia Comissão Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, para reforçar a legitimidade e a necessidade dos métodos histórico-críticos na compreensão das Escrituras. Esta abordagem metodológica confere à obra uma solidez acadêmica que permite ao leitor navegar pela complexidade do período bíblico com segurança intelectual e respeito pela dimensão da fé.

As teses fulcrais da obra

Para além de uma mera exposição cronológica, a monografia de Scardelai é sustentada por um conjunto de teses interligadas que reconfiguram a compreensão tradicional da história de Israel.

A Dialética entre Israel e Judá: Da Rivalidade à Simbiose

A tese mais proeminente é a de que Israel e Judá devem ser compreendidos, em suas origens, como "duas nações politicamente autônomas", estados independentes que protagonizaram "intensa rivalidade". A obra demonstra como essa hostilidade, que culminou no cisma de 931 a.C., foi registrada e teologicamente interpretada pelos escritores judaítas, que frequentemente acusavam os líderes do Norte de idolatria.

Contudo, o argumento de Scardelai avança para um paradoxo crucial: apesar da rivalidade, a história do antigo Israel foi "preservada, adotada e incorporada na Judá pós-exílica". Sem essa absorção cultural, Israel teria sido esquecido, e Judá, por sua vez, teria sua identidade comprometida. O autor postula, portanto, um processo de convergência em que as tradições do Norte (como o Ciclo de Jacó e a narrativa do Êxodo) foram assimiladas e ressignificadas pelos escribas do Sul, criando uma história nacional unificada que, embora ideológica, tornou-se o alicerce do judaísmo.

A "História teologizada": a primazia da fé na construção da memória

Scardelai argumenta que a historiografia bíblica não pode ser dissociada de seu propósito essencialmente religioso. As narrativas, especialmente aquelas contidas na chamada História Deuteronomista, não visavam a uma descrição objetiva do passado, mas a uma interpretação dos eventos à luz da Aliança de Israel com *IHWH*³. O passado é reconstruído para servir a uma finalidade pedagógica e teológica no presente do redator. Por exemplo, a avaliação de cada rei da monarquia dividida não se baseia em seus feitos políticos ou econômicos, mas em um critério teológico estrito: sua fidelidade ao javismo⁴ e sua luta (ou conivência) com a idolatria. Esta compreensão da Bíblia como uma "história teologizada" permite ao autor analisar as narrativas em seus próprios termos, decifrando as intenções de seus autores em vez de julgá-las com base em critérios historiográficos modernos que lhes são estranhos.

O profetismo como bússola ética e social

Outra tese seminal é o papel central e disruptivo do profetismo. Scardelai eleva os profetas da condição de meros adivinhos a protagonistas da ética em Israel. Eles são os "principais defensores da justiça social", os guardiões dos compromissos da Aliança que denunciam o "desamparo e o abandono dos mais pobres, desprezados pelas classes ricas, situação agravada, sobremaneira, após o advento da monarquia".

Desde Elias e seu confronto com Acab pela vinha de Nabot, passando pela denúncia contundente de Amós contra a opulência e a injustiça em Israel, até a pregação de Jeremias contra a confiança vã no Templo, os profetas emergem como uma força que impede a religião de se tornar um instrumento de legitimação do poder. Eles representam a consciência crítica que constantemente reconduz Israel ao cerne de sua fé: a justiça para com o órfão, a viúva e o estrangeiro. A obra demonstra como essa tradição profética foi o motor que impediu a instrumentalização completa da religião pelos interesses do Estado monárquico.

Análise estrutural e temática da obra

A obra está articulada em dez capítulos que seguem uma trajetória cronológica, permitindo uma imersão gradual e estruturada na história bíblica.

Capítulos 1 e 2: fundamentos teóricos

Os capítulos iniciais estabelecem as premissas conceituais da obra. O autor define e distingue semanticamente os termos "Hebreu", "Israelita" e "Judeu", demonstrando que não são sinônimos intercambiáveis em todos os períodos. Em seguida, apresenta os conceitos-chave da teologia bíblica, com especial destaque para a "História Deuteronomista" e a obra do "Cronista". A "História Deuteronomista" é analisada como a grande narrativa teológica que abrange os livros de Josué a 2 Reis, avaliando a história de Israel desde a entrada na terra prometida até o exílio, sob o prisma da fidelidade à Lei. A obra do Cronista (1-2 Crônicas, Esdras-Neemias) é apresentada como uma revisão pós-exílica da história, com um novo viés teológico que idealiza a dinastia davídica e o culto no Templo.

Capítulos 3 a 5: das origens tribais à ocupação de Canaã

Esta seção aborda o período formativo de Israel. O capítulo sobre a "Pré-História" analisa as narrativas do Gênesis, tratando os patriarcas não como figuras históricas comprováveis, mas

como epônimos e protagonistas de "sagas" de fundação. As histórias de Abraão, Isaque e Jacó são interpretadas como construções literárias tardias que visam a criar um passado comum para grupos originalmente independentes.

O capítulo sobre o "Êxodo" é central. Scardelai explora a libertação do Egito como a experiência fundante da fé de Israel³⁸. A hipótese dos "vários Êxodos" (fuga e expulsão) é discutida, e a figura de Moisés é apresentada como o paradigma do profeta. A análise da ocupação de Canaã, no capítulo seguinte, refuta a ideia de uma conquista militar unificada, como retratado em Josué, favorecendo um modelo mais complexo de assentamento gradual de grupos seminômades que se fundiram com populações locais. A violência descrita em Josué é interpretada não como um relato factual, mas como uma construção literária-teológica tardia da escola deuteronomista.

Capítulos 6 a 8: a monarquia e a voz dos profetas

O auge e a queda da monarquia são o foco destes capítulos. A "monarquia unida" sob Saul, Davi e Salomão é examinada criticamente. Saul é visto como um líder tribal do Norte, cuja figura foi diminuída para exaltar Davi, o fundador da dinastia de Judá. O império davídico-salomônico é questionado à luz da arqueologia, que aponta para uma entidade política mais modesta.

O "Reino Dividido" detalha a história paralela dos dois reinos após 931 a.C.. O autor ressalta a prosperidade econômica e o poderio militar de Israel-Norte, em contraste com a versão dos redatores de Judá, que o condenaram por apostasia. As reformas religiosas em Judá, promovidas por reis como Asa, Ezequias e, principalmente, Josias, são analisadas como tentativas de centralizar o poder político e religioso em Jerusalém, culminando com a promulgação do Deuteronômio como constituição do estado.

O capítulo sobre "Profetas e Profetismo" sintetiza a importância desta instituição singular em Israel. A obra traça a evolução do profetismo, desde os profetas da corte, como Natã, até a emergência de figuras independentes e socialmente críticas como Elias e Amós. Moisés é estabelecido como o arquétipo do profeta, aquele que fala com Deus "face a face" e medeia a Aliança.

Capítulos 9 e 10: do exílio à dominação grega - o judaísmo em formação

Os capítulos finais abordam os períodos que foram decisivos para a cristalização da identidade judaica. O "exílio babilônico" é apresentado como uma crise que forçou uma

profunda reformulação religiosa. Sem o Templo, o culto se voltou para a Palavra (a Torá), a observância do Sábado e as reuniões comunitárias. A reconstrução pós-exílica, liderada por figuras como Zorobabel, Esdras e Neemias, é marcada por conflitos internos entre os "repatriados" (*bnei ha-golah*)⁵ e os "povos da terra" (*amei ha-aretz*)⁶, entre os quais estariam os samaritanos.

A "dominação grega" introduz o leitor ao período helenístico, um tempo de intensa interação e conflito cultural. A obra explora como a helenização foi abraçada por parte da elite sacerdotal, mas rejeitada por judeus piedosos (*hassidim*)⁷, o que levou à Revolta dos Macabeus. Scardelai argumenta que foi nesse contexto de perseguição sob Antíoco IV Epífanes que surgiram e se consolidaram na literatura judaica (especificamente em 2 Macabeus e Daniel) as doutrinas do martírio como testemunho de fé e da ressurreição dos justos. É também neste período que o termo "Judaísmo" (*Ioudaïsmós*) aparece pela primeira vez, para designar o conjunto de tradições e leis do povo judeu em contraposição ao helenismo.

Análise crítica das teses e argumentos

A força da argumentação de Scardelai reside na sua capacidade de integrar fontes e perspectivas diversas de forma coerente. Ao postular que o Israel bíblico é, em grande parte, uma construção literária de Judá, ele não invalida a história, mas a aprofunda, revelando as camadas de significado.

A questão da historicidade

A obra trata a questão da historicidade com uma honestidade intelectual louvável. Scardelai não tenta "provar" a Bíblia com a arqueologia. Pelo contrário, ele utiliza os achados arqueológicos para demonstrar a complexidade e, por vezes, a inverossimilhança de uma leitura literal. Por exemplo, a narrativa da conquista de Jericó (Js 6) é contextualizada com dados arqueológicos que indicam que o local não era uma cidade fortificada significativa no período atribuído à conquista, sugerindo que o relato é uma construção teológica posterior.

Esta abordagem permite que o leitor aprecie o texto bíblico por aquilo que ele é: uma interpretação teológica da história, e não um manual de história. A saga de Davi, por exemplo, é analisada não apenas como a ascensão de um rei, mas como a idealização de uma dinastia que serviria de modelo para a monarquia judaica por séculos, um projeto legitimado pela profecia de Natã (2 Sm 7).

A centralidade do Deuteronômio

O livro atribui um papel fulcral ao Deuteronômio, e em especial ao seu código legislativo (Dt 12-26). Este documento, originário do Norte, é visto como a matriz ideológica que não apenas impulsionou a reforma de Josias, mas que também forneceu o critério teológico para a grande obra da História Deuteronomista. Ao centralizar o culto "no lugar que *IHWH* houver escolhido", o Deuteronômio forneceu a base para a primazia de Jerusalém e para a condenação de todos os outros santuários, especialmente os do Norte, como ilegítimos. Scardelai demonstra como essa ideologia foi fundamental para que Judá se afirmasse como o verdadeiro herdeiro das tradições de todo o Israel.

Contribuições para o diálogo judaico-cristão

Inserido na coleção "Judaísmo e Cristianismo", o livro de Scardelai é uma ferramenta poderosa para o diálogo inter-religioso. Ao combater a visão supersessionista⁸, que vê a história de Israel apenas como uma preparação passiva para o cristianismo, o autor restaura a dignidade e a autonomia da fé e da história do povo judeu. Ele demonstra que o judaísmo não é uma religião estática ou fóssil, mas um organismo vivo que se desenvolveu e se adaptou ao longo de séculos de crises e reformulações.

Ao analisar as origens judaicas de conceitos como "messias" (a partir da unção real davídica), "ressurreição" e a importância da "Palavra", o livro ajuda o leitor cristão a compreender o profundo "enraizamento judaico das Sagradas Escrituras". A obra cumpre, assim, o objetivo da coleção de "cultivar o conhecimento mútuo entre judeus e cristãos".

O legado da obra: uma síntese necessária

Israel e Judá no período bíblico se destaca por sua clareza expositiva e sua capacidade de síntese. Scardelai consegue traduzir debates acadêmicos áridos em uma narrativa fluida e acessível, sem sacrificar a profundidade. O livro funciona como um excelente manual para estudantes de teologia e ciências da religião, mas também se destina a um público mais amplo, interessado em uma abordagem crítica e madura da Bíblia.

A obra preenche uma lacuna importante na bibliografia em língua portuguesa, oferecendo uma síntese atualizada que incorpora as pesquisas mais recentes da arqueologia e da crítica literária. A decisão de usar as abreviaturas "a.e.c." (antes da era comum) e "e.c." (era comum) em vez do tradicional a.C./d.C. é um exemplo do cuidado do autor em adotar uma perspectiva mais inclusiva e academicamente neutra.

A seguir, um resumo esquemático das principais contribuições da obra:

- Desconstrução do mito da história Linear: a obra refuta a ideia de uma evolução simples e passiva da religião bíblica, destacando as rupturas, tensões e a complexa relação entre Israel e Judá.
- Abordagem metodológica equilibrada: Scardelai utiliza a arqueologia e a historiografia como parceiras de diálogo do texto bíblico, não como juízas de sua veracidade factual.
- Valorização do profetismo ético: o livro ressalta o papel dos profetas como a consciência social de Israel, cuja mensagem de justiça continua a interpelar o leitor contemporâneo.
- Análise das grandes construções teológicas: a obra elucida como as grandes escolas redacionais (Deuteronomista e Cronista) moldaram a memória histórica de Israel para servir a propósitos teológicos e ideológicos específicos.
- Explicação da gênese de doutrinas-chave: o autor traça as origens históricas e teológicas de crenças fundamentais como o monoteísmo ético, o martírio e a ressurreição, situando-as em seus respectivos contextos de crise e perseguição.
- Promoção do diálogo inter-religioso: ao apresentar a história de Israel e Judá em sua complexidade e autonomia, a obra fomenta um respeito profundo pelo judaísmo como uma tradição de fé viva e dinâmica.

Conclusão

Em suma, **Israel e Judá no período bíblico: memórias de um povo em peregrinação de fé: religião, sociedade e política com incursões na arqueologia bíblica** é uma obra de notável envergadura intelectual e pedagógica. Donizete Scardelai oferece ao leitor um guia seguro e erudito para navegar pela história multifacetada que deu origem à Bíblia Hebraica e, conseqüentemente, às fundações do judaísmo e do cristianismo. O autor consegue a proeza de ser, ao mesmo tempo, crítico e reverente, desmontando as certezas fáceis do fundamentalismo para revelar uma verdade histórica e teológica muito mais complexa, rica e, em última instância, mais fascinante.

A obra reafirma a ideia de que a Bíblia não é um livro de respostas prontas, mas uma fonte inesgotável de questionamentos sobre Deus, o homem e a história. Ao traçar a jornada de Israel e Judá, Scardelai nos convida a participar dessa peregrinação, a reconhecer que a fé não se constrói sobre dogmas estáticos, mas na tensão permanente entre memória e esperança, entre a fidelidade à tradição e a coragem de responder aos desafios de cada novo tempo. É, sem dúvida, uma leitura imprescindível e um marco nos estudos bíblicos contemporâneos no Brasil.